

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

ÚRSULA LIY PINTO PÓLVORA ANDRÉ

**“FESTA, RITUAL E RÚGBI”:
A sociabilidade no terceiro tempo.**

Alfenas/MG

2017

ÚRSULA LIY PINTO PÓLVORA ANDRÉ

**“FESTA, RITUAL E RÚGBI”:
A sociabilidade no terceiro tempo.**

Trabalho de Conclusão de Curso a
Universidade Federal de Alfnas como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Leonardo Turchi
Pacheco

Alfnas/MG
2017

ÚRSULA LIY PINTO PÓLVORA ANDRÉ

**“FESTA, RITUAL E RÚGBI”:
A sociabilidade no terceiro tempo.**

A banca examinadora abaixo-assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduação em Ciências Sociais – Bacharelado na Universidade Federal de Alfenas-MG

Concentração: Antropologia

Data da defesa:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco

Universidade Federal de Alfenas: _____

Prof.^a Dr.^a. Carmem Lúcia Rodrigues

Universidade Federal de Alfenas: _____

Prof. Dr. Vicente Cretton Pereira

Universidade Federal de Alfenas: _____

Alfenas/MG
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Universidade Federal de Alfenas e seus docentes pelo aprendizado e oportunidade em graduar-me;

Ao Deus universal por minha vida, inteligência e alegria;

À minha querida mãe Eliana por seu amor incondicional e sua paciência junto de meus irmãos Barbara e Artur;

Ao meu companheiro por sua paciência e dedicação;

Aos meus familiares;

À minha amiga-irmã Laila Damasio, por nossa co-orientação de trabalho e motivação simultânea;

Ao meu orientador Leonardo pela indicação dos textos e correções;

E, por fim, a todas as companhias que brigaram comigo pelo TCC.

Grata!

Dedico esse trabalho aos meus familiares, amigos, meu companheiro, e meu orientador, que mesmo diante das dificuldades enfrentadas na realização deste trabalho sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando a nunca desistir.

RESUMO

O trabalho busca entender como se dão as relações de sociabilidade na interação social situada no ambiente festivo do terceiro tempo no rúgbi, bem como a tradição e os rituais colaboram na criação da identidade social do grupo. Para a pesquisa utilizei autores como Eric Hobsbawm, Roberto DaMatta e Pierre Bourdieu para compreender a importância dessas práticas na construção social, se tratando da sociabilidade utilizei Georg Simmel para compreender o que é a sociabilidade, em seguida utilizei Rita Amaral, Guilherme Guimarães Leonel e Léa Perez para entrar no assunto festa. O objetivo deste trabalho é compreender como se dá a sociabilidade de indivíduos que convivem em grupos, e sua interação, em suma entender o que colabora para manter o “vínculo” entre os sujeitos na interação. O método empregado para a realização do mesmo foi revisão bibliográfica e observação participante. Os resultados esperados são compreender porque os indivíduos se comportam de uma determinada maneira quando se encontram em grupos distintos.

Palavras-chave: Tradições; Rituais, Sociabilidade; Festa, Interação social; terceiro tempo no rúgbi; Identidade; Efervescência.

ABSTRACT

The work tries to understand how the social relations in the social interaction located in the festive environment of the third time in the rugby, as well as the tradition and the ritual collaborate in the creation of the social identity of the group. For the research I used authors such as Eric Hobsbawm, Roberto DaMatta and Pierre Bourdieu to understand the importance of these practices in social construction, if it was sociability I used Georg Simmel to understand what sociability is, then I used Rita Amaral, Guilherme Guimarães Leonel and Léa Perez to get into the subject party. The objective of this work is to understand how the sociability of individuals living in groups and their interaction, in short, understand what collaborates to maintain the "bond" between the subjects in the interaction. The method used to perform the study was a bibliographic review and participant observation. The expected results are to understand why individuals behave in a certain way when they are in different groups.abstract.

Keywords: Traditions; Rituals, Sociability; Party, Social interaction; Third time in rugby; Identity; Effervescence.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – “Isso é o Rugby”.....	17
Fotografia 2 – “Ascenderei, descenderei”.....	18
Fotografia 3 – “Ascenderei, descenderei”.....	18
Fotografia 4 – “Chulé boots”.....	19
Fotografia 5 – “Chulé boots”.....	19
Fotografia 6 – “Morde bunda”.....	20
Fotografia 7 – “Brincadeira da colher”.....	21
Fotografia 8 – “Brincadeira dos animais”.....	22
Fotografia 9 – “Empilhamento de cadeira”.....	22
Fotografia 10 – “ Yellow Submarine”.....	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. “TERCEIRO TEMPO” “TIPO IDEAL”: Análise da efervescência e ritual, na Festa, promovendo sociabilidade.....	14
1.1 O QUE É O “TERCEIRO TEMPO”? PENSANDO UM TIPO IDEAL.....	15
1.2 O EXCESSO DE BEBIDAS, O RITUAL E A PAQUERA: “CAMPEONATO BERLANDIA 7'S” (UBERLANDIA – MG 23/09/2012).....	24
2. TRADIÇÕES E RITUAIS: Práticas reguladoras de adequação e identificação da sociedade.....	27
2.1 TRADIÇÃO E RITUAL EM HOBSBAWN.....	27
2.2 RITUAL (LIMINARIDADE) EM DAMATTA.....	29
2.3 RITUAL DE INSTITUIÇÃO EM BOURDIEU.....	35
3. SOCIABILIDADE: Interação Social no ambiente da Festa.....	39
3.1 SOCIABILIDADE.....	39
3.2 INTERAÇÃO SOCIAL E FESTA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

O Rúgbi é um dos esportes mais praticados no mundo, no Brasil ainda não é um esporte muito disseminado, encontrando maiores praticantes relacionados a universidades.¹

O rúgbi assim como futebol, é um esporte de estratégia e de territorialidade, cujo objetivo é marcar pontos no campo do adversário. No entanto o que difere esses dois esportes é principalmente a presença do contato físico permitido no rúgbi. Sendo esta expressão da violência física socialmente aceita, este faz parte da estratégia do próprio jogo, o uso da força, a estratégia se faz fundamental a participação coletiva de todos os jogadores, onde cada um exerce uma função específica, com um físico próprio, ajudando o todo a conseguir o objetivo, conquistar o território adversário e marcar o *try*.²

Os princípios trazidos pelo esporte, aqui no caso o rúgbi eram compreendidos pelas instituições de ensino como atividades formadoras.

O marco inicial do esporte é considerado por alguns uma fábula, nessa versão tudo começa com uma jogada irregular de uma partida de futebol que acontecia exatamente em uma escola, a Escola de RUGBY na Inglaterra em 1823, cujo aluno William Web Ellis pegou a bola com as mãos atravessando o campo sem que o impedissem. Para concretizar tal acontecimento hoje esse estudante desprezioso empresta seu nome ao troféu da Copa do Mundo de Rugby.

O nascimento do rúgbi é considerado um mito pois se sabe que naquela época já existiam variações do futebol em que os participantes jogavam com as mãos. No entanto sabemos que o esporte não foi resultante dessa ação isolada, mas sim da combinação de várias

¹ O rúgbi é um esporte originário da Inglaterra portanto essa é a forma tradicional que se refere ao esporte na língua portuguesa escreve-se rúgbi, no entanto a maioria dos atletas do esporte continua referindo-se a ele na língua original, por isso vezes, me refiro a ele na origem da palavra e vezes na tradução para o português.

² O *try* é ponto realizado no esporte, para isso o jogador que está em posse da bola deve tocá-la no chão ao final da linha de fundo do “gol” (para compreender onde esta linha fica localizada) ele tem o valor de 5 pontos, quando se faz um *try* existe a possibilidade de tentar converter mais pontos, para isso seria necessário que o jogador consiga passar a bola pelo meio do H localizado na linha de fundo do campo, a conversão tem o valor de 2 pontos.

ações, visto que o futebol era praticado em diversas escolas, sem uma legislação que orientasse as regras do jogo.

O rúgbi por ser um esporte de intenso contato físico a princípio parece violento, e por tal característica proporciona reais riscos aos participantes quando existem jogadores mal intencionados, isso tornou necessária a construção de regras que assegurassem o bem estar físico dos jogadores, essas formaram ao longo da história do esporte, atualmente a agressão não é o foco do jogo e sim um conjunto de estratégias e participação coletiva, com o objetivo de vencer.

Além das regras existem comportamentos e valores que são tradicionais ao esporte como aplaudir o adversário após a partida respeito ao árbitro e a torcida, segundo os participantes tais valores auxiliam na formação do jogador, como união, trabalho em equipe, respeito a todos os participantes, igualdade e disciplina, integridade. Essas características formam o que os praticantes chamam de “espírito” do rúgbi, ou família rúgbi. Segundo os participantes esse espírito nada mais é que um código moral para que os indivíduos pratiquem o esporte com consciência de que qualquer ação mal intencionada poderá trazer riscos à vida dos jogadores, segundo o discurso dos participantes é um estilo de vida.

Esse estilo de vida acontece principalmente num terceiro tempo de jogo, esse é momento tradicional extraoficial do esporte. Trata-se de um ritual “obrigatório” onde a sociabilidade encontra um ambiente perfeito para a interação social, pois nesse momento os indivíduos comem, cantam, brincam, comentam lances, as expectativas dos times e se divertem a base principalmente de cerveja, deixando a rivalidade de lado. Esse código que não é regido pelas leis oficiais do esporte, mas pela tradição da reciprocidade impregnada no esporte, assim o time em que acontecem as partidas oferecem o terceiro tempo ao time visitante, reconhecida como uma forma de agradecer pelo jogo.

Nesse momento também costumam acontecer às premiações quando o(s) jogo(s) é a final de um torneio, são realizados também os batismos dos que estão entrando no esporte ou no time. Muito da amizade que surge entre os jogadores de rúgbi são originadas nos terceiros tempos, onde além de jogar eles podem conhecerem-se melhor uns aos outros, aprender com o outro. Não é à toa que segundo os jogadores é um dos momentos mais esperados.

Diante dessa situação como é possível um esporte tão violento visto de fora, onde o confronto é um atributo a ser notado, como podem depois de desfrutar desse contato físico tão intenso ainda compartilhar de uma tradição em que ambos os times independente do resultado de suas partidas confraternizem e ainda torne um ambiente propício para a interação social.

O presente trabalho visa compreender como se dão as relações de sociabilidade durante a interação situada no ambiente festivo do terceiro tempo no rúgbi. Tem se por objetivo compreender quais ferramentas proporcionam que a sociabilidade de indivíduos que convivem em grupos aconteça, inseridos em si mesmos ou na interação com demais grupos, em suma entender o que colabora para manter o “vínculo” entre os sujeitos durante a interação no ambiente do terceiro tempo do rúgbi.

Para a realização desse trabalho utilizei a observação participante convivendo diversas vezes nesse ambiente onde o rúgbi era o centro de tudo. Observei 15 eventos de terceiro tempo, ao longo de 2012 e 2016, tais eventos ocorreram em diversas cidades e estados, em algumas dessas cidades foram mais de um evento observados, eventos como jogos, campeonatos e amistoso, como: Uberlândia-MG, onde aconteceu o torneio de rúgbi Uberlândia sevens, onde estiveram presentes times de Minas Gerais, São Paulo e Brasília. Em Alfenas MG ocorreu o amistoso entre São João da Boa Vista e Alfenas e Abelhas rúgbi. Já em Varginha-MG acompanhei o final do campeonato mineiro, jogos entre Uberaba, Inconfidentes, Varginha. No Rio de Janeiro-RJ aconteceu o beach rúgbi onde times do Brasil inteiro participam, é uma versão mais dinâmica e lúdica do esporte nesse mesma cidade acompanhei também o terceiro tempo do campeonato carioca de rúgbi masculino. Em Belo Horizonte MG participei do terceiro tempo do campeonato brasileiro feminino de rúgbi e também o campeonato mineiro de rúgbi na disputa entre Campo Belo e BH Rugby. Elói Mendes-MG acompanhei o campeonato mineiro onde diversos times de rúgbi participaram tanto masculino quanto femininos. Já em Campo Belo-MG foram duas as vezes que participei de terceiro tempo, ambas as vezes era pela disputa do campeonato mineiro masculino de rúgbi, onde participaram Campo Belo, Inconfidentes e depois contra Uberaba. Montes Claros-MG onde ocorreu uma etapa do campeonato mineiro masculino de rúgbi entre Campo Belo e TerreMoc (Montes Claros Rugby). São João da Boa Vista-SP aconteceu uma clinica de rúgbi com jogador da seleção brasileira de rúgbi. São Paulo-SP acompanhando o time de Varginha para o campeonato brasileiro de rúgbi contra Poli da USP. Mesquita-RJ jogo entre Carioca e

Maxam bomba pelo campeonato carioca, Cachoeira de Macacuco-RJ amistoso entre Carioca e União de Macacuco.

Para conseguir compreender esse ambiente e tudo que ocorre utilizei a revisão bibliográfica para ter embasamento teórico sobre minhas conclusões. As teorias usadas são de autores que tratam sobre tradição e festa, como Eric Hobsbawm, Léa Perez e Georg Simmel. Outros autores como Pierre Bourdieu e Roberto DaMatta são utilizados pra compreender toda situação e como esta funciona, qual a consequência e o papel dos rituais na estrutura do rúgbi.

Dito isso, o trabalho está dividido em três partes, além dessa introdução e das considerações finais.

No capítulo um descrevi embasada em minhas notas de campo um “tipo ideal” do que seria o terceiro tempo no rúgbi. Para analisar as teorias levantadas nesse trabalho, utilizo como base uma dentre as 15 experiência vivenciada em campeonatos, em que tive a oportunidade de participar como jogadora e espectadora.

O capítulo dois trata de ferramentas utilizadas para se estabelecer a sociabilidade, como as tradições e os rituais, de que maneira eles contribuem para a formação da identidade coletiva do grupo, disseminação de valores que unificam os indivíduos em grupo.

O capítulo três trata de como a sociabilidade contribuí para a construção da sociedade, por meio da identificação entre os indivíduos, e a festa como forma lúdica dessa sociação cuja suas ferramentas possibilitam uma fluidez na interação social, facilitando os meios de identificação contribuindo para a criação da sociedade por meio do mimetismo dos indivíduos.

Nas considerações finais aponto que o terceiro tempo no rúgbi pode ser pensado como uma festa, proporcionando a produção da sociabilidade, cujo indivíduos se identifiquem uns com os outros, gerando a união do sistema social, empregada por meio dos rituais e suas praticas, que disseminam os valores daquele grupo e o consolidam.

1. TERCEIRO TEMPO “TIPO IDEAL”: Análise da efervescência e ritual, na Festa, promovendo sociabilidade

Conheci o rúgbi por meio de uma amiga que viu o anúncio de que estavam montando um time de rúgbi na cidade de Alfenas-MG, e começou a treinar. A primeira vez que ela me falou sobre o esporte tive a impressão de ser violento. Eu sempre tive medo de me machucar e nunca fui ligada aos esportes não quis conhecer.

Um dia ela estava indo ao treino e pediu pra que a acompanhasse e assistisse o treino para tirar tal impressão. Fomos então ao local do treino, que ficava no campo da Unifenas Alfenas-MG. Acompanhei o treino inteiro, e fiquei curiosa, como mesmo reclamando do treino pesado, principalmente a corrida, todo mundo parecia se divertir muito. Todo mundo, no intervalo, na hora da água falava pra eu experimentar, no entanto não estava com a roupa adequada para participar e ainda estava com receio.

Mas foi ali naquele dia que meu interesse pelo esporte surgiu, por ver que ali tudo se encaixava, que existia um papel para cada participante, visto que uma das coisas que me fez perder o interesse pelos esportes ao longo dos anos foi a falta de interação e participação do grupo, pois na maioria dos esportes apenas poucos praticantes se, sobressaem mesmo.

No treino seguinte resolvi participar. Ele ocorreu na quadra da Unifal-MG em Alfenas, e lá tive o primeiro contato efetivo com o rúgbi, no qual aprendi como manusear a bola e as principais regras do esporte.³

Ao longo do tempo continuei a participar do treino e efetivamente a fazer parte do time. Depois de certo tempo surgiu a oportunidade do time feminino participar de um torneio em Uberlândia, seria o primeiro jogo que iríamos participar. No entanto não tínhamos um time completo, mesmo assim fomos e lá arrumamos meninas emprestadas de outros times, e meninas que haviam ido sem time. Não tínhamos nem um uniforme para jogar. Foi nesse momento que tive conhecimento sobre o terceiro tempo, porém não sabia direito do que se tratava, apenas que ocorria ao final de jogos e torneios, pois os treinadores, que eram do time masculino só diziam que o que acontece no terceiro tempo fica lá, e que para saber do que se tratava efetivamente deveríamos participar de um torneio.

O rúgbi é um esporte e por si só uma forma lúdica de socialização, mas peculiarmente ele possui tradições diferentes de outros esportes, o terceiro tempo é uma delas.

³Por exemplo, como sempre passar a bola para trás, ao invés de para frente como é comum a outros esportes .

Nesse capítulo descrevo um terceiro tempo ideal com suas tradições e ritos a fim de posteriormente compreender qual a influencia deles na sociabilidade desses indivíduos. Abordo também uma das muitas experiências vivenciadas em campo para explorar as relações entre rúgbi, ritual, festa e sociabilização.

1.1 O QUE É O TERCEIRO TEMPO? PENSANDO UM TIPO IDEAL

Para Weber (2001) um tipo ideal é um método da interpretação causal, que em suma é um modelo teórico criado orientado por valores do cientista de forma que seja acentuada a característica que lhe é fundamental para a análise do objeto estudado, permitindo comparação e percepção das diferenças e semelhanças entre ambos. Como é consequência da seleção de circunstancias individualizadas e enfatizadas os tipos serão “ideais”, ou seja, não são reprodução da realidade como ela é.

“Se quisermos tentar uma definição genética do conteúdo do conceito, restar-nos-á apenas a forma do tipo ideal, no sentido anteriormente estabelecido. Trata-se de um quadro de pensamento, não da realidade histórica, e muito menos da realidade “autentica”; não serve de esquema em que se possa incluir a realidade à maneira exemplar. Tem, antes, o significado de um conceito-limite, puramente ideal, em relação ao qual se mede a realidade a fim de esclarecer o conteúdo empírico de alguns dos seus elementos importantes, e com o qual esta é comparada. Tais conceitos são configurações nas quais construímos relações, por meio da utilização da categoria de possibilidade objetiva, que a nossa imaginação, formada e orientada segundo a realidade, julga adequadas.” (WEBER, 2001, p.140)

Nesse sentido, podemos afirmar que um terceiro tempo ideal ocorre depois de um campeonato, jogo ou amistoso. Geralmente no próprio campo ou nos locais que servem de alojamento. Nesse espaço são ofertadas pelo time da casa, aquele que promove o campeonato, o jogo ou amistoso, muita comida e bebida alcoólica. Frequentemente é ofertada uma comida típica do lugar ou cachorro quente: esse último é o mais comum. A bebida alcoólica mais consumida é a cerveja.

No terceiro tempo há a participação efetiva dos atletas, para que haja o menos possível de segregação entre eles, visto que o intuito do terceiro tempo é justamente a aproximação dos indivíduos para fortalecer o esporte e trocar experiências. Como o rúgbi é um esporte de contato, essa também é uma oportunidade para se “fazer as pazes” e deixar qualquer desavença dentro de campo.

Para isso é importante que o evento contenha não só a parte alimentar em abundancia, mas também de ferramentas e práticas que facilitem esse entrosamento: as brincadeiras e rituais.

Após a reposição de calorias, a comida e a liberação do álcool o capitão do time da casa puxa a música “Isso é o Rugby”. Nela se canta cada posição do jogo e dos jogadores. Isso varia de acordo com o campeonato de sevens ou XV⁴.

Assim quando a posição é falada aqueles que a ocupam vão ao centro da roda e dançam do jeito mais extrovertido que conseguirem.

Observo que essa é uma maneira pela qual os atletas, principalmente aqueles ainda novos no esporte compreendem e assimilam as posições exercidas em campo, mostrando que cada um tem seu papel e sua importância na estrutura do jogo:

Os pilar que dançam, os pilar que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os Hokker que dançam, os Hokker que dançam,
 Os pilar, os Hokker que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os segunda linha que dançam, os segunda linha que dançam
 Os pilar, hokker, segunda que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os asas que dançam, os asas que dançam,
 Os pilar, hokker, segunda, asas que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os oitavas que dançam, os oitavas que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os half-scrum que dançam, os half-scrum que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os aberturas que dançam, os aberturas que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum, aberturas que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os primeiros centros que dançam, os primeiros centros que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum, abertura, primeiros centros,
 que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os segundos centros que dançam, os segundos centros que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum, abertura, primeiros centros,
 segundos centros, que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os pontas que dançam, os pontas que dançam,
 Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum, abertura, primeiro centros,
 segundos centros, pontas que dançam,
 Isso é o rugby, o rugby é isso,
 Os fullback que dançam, os fullback que dançam,

⁴Sevens é o jogo de rúgbi com sete jogadores de cada lado, e a duração do jogo é de 14 minutos, o jogo de XV, ou Union é o jogo de rúgbi com quinze jogadores de cada lado e a duração do jogo é de 80 minutos, as regra básicas e mais gerais são praticamente a mesma, havendo a adaptação delas para cada modalidade do esporte.

Os pilar, hokker,segunda, asas, oitava, half-scrum, abertura, primeiro centros,
segundos centros, pontas, fulback que dançam,
Isso é o rugby, o rugby é isso,
Todo mundo dança, todo mundo dança
Isso é o rugby, o rugby é isso. (DIARIO DE CAMPO)



Fotografia 1 - “Isso é o rugby”

Após essa primeira cantoria o capitão da casa puxa mais uma cantoria pra exaltar os ânimos: tudo indica que a participação de todos dá mais força para a execução de um terceiro tempo ideal. A música intitulada “ascenderei, descenderei” é cantada de modo que os participantes executam a ação que o locutor, orienta. É importante ressaltar que tudo isso ocorre sempre com os copos cheios de cerveja:

Ascenderei, descenderei, escutare (nesse momento os participantes fingem ouvir a bebida)
Ascenderei, descenderei, cheirare (Todos cheiram a bebida)
Ascenderei, descenderei, degustare (todos provam a cerveja)
Ascenderei, descenderei, comentare (todos especulam sobre a cerveja)
Ascenderei, descenderei, olhare (todos olham seus copos)
Ascenderei, descenderei, trocare (os participantes trocam os copos)
Ascenderei, descenderei, virare (todos viram a bebida de uma vez)
Ascenderei, descenderei, comprovare (todos os participantes devem virar sobre suas cabeças o copo vazio, para comprovar que beberam toda a cerveja, assim os que não conseguiram iriam se molhar com o conteúdo do copo, um “castigo” por não ter conseguido executar todas as ações corretamente) (DIARIO DE CAMPO)



Fotografia 2 – “Ascenderei, Descenderei”



Fotografia 3 – “Ascenderei, Descenderei”

Observo que essa brincadeira sugere que no esporte existe uma liderança que conduz as coisas, o capitão, mostrando que por mais que seja difícil cumprir o que se pede, deve-se tentar superar o desafio.

Logo após essas cantorias, com os ânimos já exaltados, todos os novatos (aqueles que estão jogando pela primeira vez o esporte ou em uma equipe diferente daquela que eles estão acostumados a jogar) se juntam para uma iniciação: o “chulé boots”.

O Chulé boots é um ritual o qual os participantes são obrigados a beber cerveja na chuteira que apresentar maior estado de degradação e até mau cheiro, virando tudo sem que

haja desperdício de nenhuma gota e sem vomitar após isso. Depois de conseguir engolir tudo o participante deve comprovar que conseguiu concluir o trote virando a chuteira na cabeça.

No entanto o difícil é realmente não vomitar, visto que os demais fazem sons e gestos de ânsia, enquanto você bebe em um recipiente nojento: onde pessoas, colocam sujeira, outros cospem, sem contar os vestígios de grama impregnados na própria chuteira. Segundo os nativos esse ritual-trote é a maneira pela qual a tradição encontrou de mostrar que o corpo é forte, que suporta qualquer coisa e que o individuo jogador de rúgbi enfrenta os desafios, por mais que estes sejam difíceis de aguentar, assim como o jogo em si.



Fotografia 4 – “Chulé Boots”



Fotografia 5 – “Chulé Boots”

Após isso é a vez de quem fez o seu primeiro try (ponto) pela equipe, nesse momento é aplicado o “morde bunda”. Nesse ritual os jogadores da equipe dão mordidas e tapas na bunda de quem marcou o ponto. Segundo a interpretação nativa, isso é uma demonstração de que ninguém faz ponto sozinho, que precisa de toda uma equipe trabalhando junto, compartilhando da dor e do sacrifício que envolvem cada jogada.



Fotografia 6 – “Morde bunda”

Em seguida a “brincadeira da colher” onde uma roda é feita e duas pessoas são colocadas sentadas em cadeiras uma de frente para a outra: um deles é um novato. A brincadeira propõe que quem resistir mais a dor sai vencedor. A dinâmica se trata de dar com uma colher na cabeça do seu oponente, entretanto essa colherada deveria ser dada com a colher presa na boca, para isso o oponente abaixa bem sua cabeça para que seja possível o outro aceitar a colherada na cabeça. O que o novato não sabe, e demora a perceber é que na verdade não é seu oponente que lhe dá a colherada, e sim outra pessoa que se posiciona atrás do veterano e que dá colherada com a mão, podendo assim controlar a força empregada na ação. Na maioria das vezes quem acaba por “vencer” é sempre o veterano, isso quando o novato não percebe que está sendo enganado, e acaba a brincadeira. Segundo a narrativa dos nativos, o intuito aqui é mostrar resistência, que se tem um corpo forte, visto que este é um esporte de contato físico onde suportar a dor é algo inevitável.



Fotografia 7 – “Brincadeira da Colher”

Em seguida se faz a “brincadeira dos animais (baleia)”, que consiste em pegar dois jogadores um novato no esporte o outro já veterano e conhecedor da brincadeira, e coloca-los em pé em duas cadeiras, os demais jogadores ficam de frente para eles como uma plateia. O capitão explica as regras do jogo, no qual os jogadores deveram imitar animais da terra, do ar e da água, onde o que imitar melhor leva o ponto, assim quem fizer mais pontos ganha.

No entanto tudo não passa de distração para que o novato não perceba nada.

O capitão escolhe um animal da terra (pode ser qualquer um), e antes que os participantes façam suas imitações é pedido um exemplo para a plateia, e eles devem reproduzir da mesma forma. Assim da mesma forma com os animais do ar (também pode ser escolhido qualquer bicho), tudo é manipulado para que haja o empate, e que seja necessário a ultima imitação que vai levar ao “vencedor”, o desempate acontece sempre com o animal da água. Nesse caso em específico o animal deve ser sempre a baleia. Enquanto o novato está distraído todos enchem a boca com cerveja. Isso porque antes da imitação tem o exemplo dado pela plateia, quando o novato pede o exemplo, ele leva um banho de cerveja esguichada pela boca, imitando o esguicho da baleia. Segundo os nativos, esta brincadeira serve para mostrar que independente de qual o seu estado pós jogo você pertence aquele meio, o grupo.



Fotografia 8 – “Brincadeira dos animais”

Depois dessa brincadeira-ritual é a vez do “empilhamento de cadeira”. Essa consiste em colocar o maior numero de jogadores em cima de uma cadeira em forma de pirâmide, no entanto a cadeira não pode quebrar ou o monte desmoronar. Dizem os nativos que o intuito aqui é o de mais uma vez reforçar o trabalho em equipe, onde cada um tem um potencial a desempenhar durante o jogo, aqui no caso os pesados formam a base da brincadeira e os mais leves a estrutura.



Fotografia 9 – “Empilhamento de Cadeira”

Em seguida e para finalizar as brincadeiras – rituais- trotes faz se o “yellow submarine”. Nesse ritual é formada uma fila indiana de gente sentada no chão com os braços para cima. Enquanto os demais jogadores fazem fila e se jogam em cima daqueles que

estavam sentados no chão e começam a passar eles para frente, até chegar ao começo da fila, sem que a pessoa caia no chão e nem em cima dos demais participantes, alguns aproveitam a ocasião para dar tapas nos colegas enquanto esses passam, tudo isso enquanto todos repetem incessantemente o refrão da música dos Beatles⁵, quanto mais pesado o atleta mais bagunça e mais forte se canta o refrão. Na narrativa nativa essa brincadeira deveria mostrar o quanto é enfatizado o apoio, o jogo jogado em equipe. Visto que um jogador jamais conseguiria carregar sozinho o outro indica também que ninguém vence o jogo sozinho. Vencer o jogo é um trabalho de equipe de grupo que fortalece a união do grupo.



Fotografia 10 – “Yellow Submarine”

⁵ “We all live in a yellow submarine; Yellow submarine, yellow submarine; We all live in a yellow submarine; Yellow submarine, yellow submarine.” (The Beatles, Yellow Submarine, 1969)

1.2 O EXCESSO DE BEBIDAS, O RITUAL E A PAQUERA: “CAMPEONATO BERLÂNDIA 7'S” (UBERLÂNDIA – MG 23/09/2012)

Ao final do campeonato, fomos avisados que o tão esperado terceiro tempo (por nós as novatas, e todos os demais participantes do torneio) aconteceria no local que serviu de alojamento para os times. Ao chegarmos ao alojamento algumas equipes enquanto esperavam o início da premiação e da confraternização arrumavam seus pertences para posteriormente seguir viagem.

Logo a bebida chega, e aqueles que já estavam inseridos no esporte há mais tempo já começam a encher seus corpos com o álcool, mas precisamente a cerveja. Porém alguns times aparecem com garrafas de vodca e outras bebidas. Como tudo era novidade, não entendia absolutamente nada daquela algazarra de gente conversando, bebendo e interagindo das mais diversas formas e práticas.

A bebida servia como incentivo das relações, visto que diminuía a distancia entre seus participantes, e logo o pudor deles com relação às pessoas nunca antes vistas e aos novatos. Percebo que é nesse momento que o estreitamento entre as relações ganha ainda mais força.

Antes das premiações acontecerem recebemos o trote (primeiro batismo), são chineladas dadas na bunda e nos é “oferecido” uma chuteira cheia de cerveja, o “chulé boots” em que somos pressionadas a beber até o final, sem desperdício, enquanto os demais, veteranos, fazem sons e gestos de nojo e aversão com relação à aquela ação. Ficamos indignadas com essa prática, pois não esperávamos esse tipo de coisa, foi uma surpresa, chegamos a questionar aquela ação e foi aí esclarecido que não passava de um batismo, por ser nossa primeira vez em um jogo, pelo esporte valorizar a interação entre os atletas, assim como a dedicação e a resistência, por isso tais rituais envolvam brincadeiras também de contato, para mostrar a resistência do próprio corpo, e para aproximação dos indivíduos, cria um elo, um vínculo de “igualdade” aos demais.

Para compreender qual a importância dos rituais de instituição e as tensões que os envolvem é necessário lembrar que a noção de comunidade está diretamente ligada ao indivíduo. Visto que a comunidade sem o indivíduo não é possível, não um indivíduo

específico, mas a comunhão deles. No entanto existe um trabalho para que essa comunidade consiga manter uma coesão, formar uma unidade, diante das diferenças e particularidades de seus indivíduos, é aí que vale ressaltar a importância desses rituais, pois eles são a ferramenta de adequação desses indivíduos a vida comum, são eles que traduzem as tradições e valores da sociedade de forma “natural” aos indivíduos, permitindo a coesão, a cumplicidade, no sentido de que cada um precisa desempenhar seu papel para o funcionamento do todo. E no rúgbi não seria diferente, esses valores são passados por meio dos rituais existentes no terceiro tempo.

Visto isso podemos partir do ponto que o ritual serve para marcar uma transição do indivíduo, aqui no caso de um não rugbier para um rugbier, como já dito, do estado liminar de não ser um rugbier para se tornar efetivamente membro daquele grupo. Nesse sentido para os pertencentes do grupo os rituais fazem todo o sentido, estão relacionados ao esporte em si, são meios diferentes de transmitir e reafirmar os valores que a própria prática do esporte passa, mesmo que para isso seja necessário o “sofrimento” dentro e fora de campo, ou seja, mesmo que eles levem a degradação do indivíduo, como sujeito, para depois exaltar a unidade. E é justamente esse desejo de querer pertencer que leva o sujeito a aceitar certos padrões comportamentais que lhe são introduzidos, muitas vezes de maneira traumática, por meio dos rituais.

Para a aceitação do indivíduo no grupo, ele deve ser rebaixado, perder parte de sua individualidade e aceitar certas ações que o colocam a margem daquele grupo, por exemplo o morde bunda, o chulé boots, a brincadeira da baleia, sendo necessário consentir determinadas ações que não lhe seriam confortáveis numa situação cotidiana, para assim poder adentrar ao grupo, se sentir pertencente, igual aos demais, pois está dividindo das mesmas ideologia, em suma, do mesmo comportamento.

Mais adiante algumas pessoas bebem no “beerbong”, que nada mais é do que beber cerveja o mais rápido possível, por meio de um funil e um cano, para que a bebida suba ainda mais rápido para a cabeça da pessoa, deixando ela ainda mais alterada.⁶

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=7VrGP5xHAyo>

Como já visto a festa apresenta características de cerimonia religiosa, pois ela eleva os indivíduos a um estado de efervescência⁷. O exagero é presente na ingestão de bebidas, como característica geral desse grupo. A bebida principal do terceiro tempo é a cerveja, não existe uma explicação lógica ou clara do porque ser ela a bebida típica, mas acredito que pelo esporte ter iniciado na Inglaterra na qual o costume de se beber cerveja, desta forma suponho que ela tenha se tornado parte dessa tradição, além da cerveja ser um repositivo de energia, visto que possui mais carboidratos que as demais .

Em todas essas práticas havia a presença exagerada da bebida, que facilitou e propiciou que não só amizades fossem criadas, mas estreitadas a partir desse encontro, visto que anteriormente todos estavam na disputa pelo mesmo objeto de interesse, assim toda essa interação, entrosamento e exagero presente auxiliam para que o flerte acontecesse. Até eu não fiquei isenta das investidas tanto masculinas como femininas. Naquele momento o ambiente estava propício para aqueles que já haviam demonstrado interesse anteriormente, assim como para aqueles que apenas neste ambiente de efervescência floresceu lhes o desejo ou a coragem de expressá-lo pelo outro.

Paquera é um elemento da festa e da sociabilidade presente no terceiro tempo, pois aquele local, aquele momento nada mais é do que distração e relaxamento de pessoas que compartilham algo, o rúgbi, adicionado do componente cerveja, os ânimos ficam exaltados e a socialização se torna mais fluida. Vale ressaltar que no rúgbi, mais precisamente no terceiro tempo a paquera está mais presente em grandes eventos, como campeonatos, onde possuam mulheres, ou campeonatos “mistos”, ou campeonatos exclusivamente femininos, em ambos os casos existe a paquera de homens com mulheres e mulheres com mulheres, mas apenas nesses casos. Quando o campeonato é exclusivamente masculino a paquera é praticamente inexistente, pois na sua maioria as mulheres presentes estão acompanhadas.

Enfim, percebe-se que o terceiro tempo do rúgbi é uma forma de sociabilidade única, pois integra o jogo, o conflito, e a festa num só ambiente e momento, pois possui elementos, como o rituais, hedonismo, a sensualidade, o erotismo aberto e público.

⁷ A efervescência que aqui quero ressaltar é aquela que diz respeito à noção durkheimiana de exaltação geral, aquela dos momentos/situações nos quais as "energias passionais" da coletividade encontram-se em estado de "exaltação geral", nos quais a "influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes até com maior evidência", pois "as interações sociais tornam-se muito mais frequentes e mais ativas". (PEREZ, 2000, P.4)

2. TRADIÇÕES E RITUAIS: Práticas reguladoras de adequação e identificação da sociedade

Neste capítulo utilizarei principalmente das teorias de Eric Hobsbawm, Roberto DaMatta e Pierre Bourdieu para dar introdução ao tema das relações sociais por meio de tradições e dos rituais como relações de pertencimento, como contribuem para a construção da comunidade social, e a identificação do indivíduo inserido no grupo social. Todas essas questões propostas pelos autores serão importantes para analisar, no decorrer desse trabalho, os dados coletados na pesquisa de campo.

2.1 TRADIÇÃO E RITUAL EM HOBBSAWN

Para a compreensão deste capítulo é preciso partir do ponto onde os grupos se encontram e se unem: as tradições são ferramentas necessárias para dar uniformidade e coesão ao grupo, sugerindo aos seus participantes um sentimento de pertencimento.

Assim, segundo a teoria de Hobsbawm (2008) as tradições podem ser compreendidas como um conjunto de práticas/regras, reguladas e aceitas por grupos sociais. Elas podem ser de diferentes naturezas, como a ritual ou simbólica. Estas práticas existem com o intuito de impor certas normas e valores aos grupos sociais, usa a repetição e mantém uma ligação ao passado, a fim de se legitimar. Esta última característica das tradições estabelecem uma continuidade artificial com o passado, se adaptando as diferentes situações, assumindo novas referências a situações anteriores.

Antes de dar seguimento ao assunto é importante salientar que Hobsbawm (2008) levanta a questão de diferenciar tradição e costume, visto que são confundidas, a tradição possui como característica uma invariabilidade de suas regras, ou seja, suas práticas são fixas e normalmente formalizadas, possui um carácter simbólico e ritual, estão ligadas a ideologia do grupo. O costume por sua vez tem como característica principal a variabilidade, de forma

que se adapte as mudanças da sociedade, no entanto tem como exigência parecer compatível ou parecido com o costume anterior. A função do costume é a de oferecer uma naturalidade à ação do mesmo, é facilitar sua aceitação pelas sociedades em constante mudanças.

Como dito anteriormente é por meio da repetição que as tradições se firmam nas sociedades. Assim a repetição destas práticas têm como função criar convenções e rotinas, facilitando sua transmissão. O costume, por outro lado, é adaptável. Nesse sentido sua variabilidade fornece as ferramentas necessárias para se adequar a situações repentinas:

Na medida em que essas rotinas funcionam melhor quando transformadas em hábito, em procedimentos automáticos ou até mesmo em reflexos, elas necessitam ser imutáveis, o que pode afetar a outra exigência necessária da prática, a capacidade de lidar com situações imprevistas ou originais. (HOBBSAWM, 2008, p.12)

Hobsbawm (2008) levanta a questão da dificuldade de se encontrar a origem das tradições e costumes, pois, na sua maioria elas foram inventadas, outras desenvolvidas em grupos restritos, que pouco documentaram da sua história. As variações dos costumes ou mesmo a invenção de novos costumes quando as sociedades são transformadas de forma rápida podem acontecer. Isso ocorre porque sem as mudanças e adaptações os costumes se tornam incompatíveis com cada situação:

Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins.(...) Em todos esses caso, a inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade. (Ibidem, 2008, p.14)

Para compreensão deste trabalho ressalto ainda que as tradições inventadas possuem três propósitos segundo a teoria de Hobsbawm (2008): 1) estabelecer ou simbolizar a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais se utilizam muitas vezes de ritos de passagem como iniciação, promoção, afastamento e morte, 2) As que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade; 3) as cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Esta última está relacionada com identificação de uma comunidade e ou das

instituições que as representam, expressam ou simbolizam. Aqui neste trabalho se relacionam o primeiro e o último propósito.⁸

Enfim, quando o autor fala sobre a variabilidade de tradições, ele indica que estas podiam ser “reformadas”. Novas regras e histórias poderiam ser implantadas nas antigas, ou seja, como já dito anteriormente pela “continuidade” histórica que dava naturalidade, as tradições, outras vezes poderiam se utilizar de simbolismos ou rituais morais para se implementarem socialmente.

Ainda segundo evidencia Hobsbawm as regras e rituais são a maneira pela qual se sustentam e reforçam valores compartilhados pelo grupo. Sob outro ponto de vista, o ritual pode ser visto como uma personificação das tendências e interesses dos grupos. Como os grupos sociais precisavam criar maneiras que trouxessem coesão social ao grupo, de forma que os indivíduos se identificassem com os propósitos e a ideologia do grupo com o intuito de estruturar as relações sociais. Dar forma a unidade constituída, criar relações, vínculos por meio das práticas.

2.2 RITUAL (LIMINARIDADE) EM DAMATTA

Como mencionado acima, na perspectiva de Hobsbawm, as tradições inventadas pressupõem ritos para criar vínculos sociais, relações sociais, sensações de unidade, identificação e pertencimentos. Mas, também, o rito produz liminaridade.⁹

Assim liminaridade para usar o termo de Turner (1974) é um estado ambíguo, que não é uma coisa nem outra, se encontra no meio do caminho, ou como diria o ditado popular, estar em cima do muro, dividido, aqui se tratando de uma “posição social”, mesmo que não seja exatamente isso que está em jogo, posição social no sentido de que você não pertence

⁸ O presente trabalho está relacionado ao 1º propósito segundo Hobsbawm, pois apresenta como práticas de coesão e admissão do grupo, os rituais. E o 3º por que é momento de confraternização, e por meio dela são criadas práticas comportamentais de identificação da comunidade.

⁹ A liminaridade é o ponto chave de compreensão do ritual. Para todos os autores abordados aqui, a liminaridade seria a essência do rito. Em sua fase transitória estaria escondido o verdadeiro motivo do mesmo.

nem a um nem ao outro segmento social. É nesse ponto que percebemos a importância de estudar os ritos, pois é justamente esse sentimento do querer pertencer que leva o indivíduo a agir segundo determinados padrões que lhes são muitas vezes assimilados durante a realização dos rituais. Em algumas sociedades onde tal passagem é ritualizada existem inúmeros símbolos, práticas e padrões que colaboram para incorporação desses comportamentos.

Voltando a liminaridade, nesse estado os sujeitos estão sem um status definido, em algumas sociedades não possuem formas de distinção social. Em estados como esse pode haver um comportamento dócil e humilde, obedecem seus instrutores e aceitam sem queixas ações mais incisivas.

Turner (1974) compara esses sujeitos em estados liminares a uma massa de modelar ou a um papel branco onde deve reaprender a enfrentar todas as adversidades que seu novo cargo ou função implica. Como se moldassem esses sujeitos para as novas características e responsabilidades que virão passado esse momento de transição.

Turner (1974) afirma que a vida social é um processo dialético, pois se vive altos e baixos, igualdade e diferenças, na qual essa dialética é essencial do próprio processo da vida social. Com esses pontos levantados o autor associa experiências de rito de passagem com a posição de inferioridade que os ritos estão associados, principalmente nos que se referem à liminaridade do indivíduo ou da estrutura. Durante o ato liminar o indivíduo é rebaixado, devem submeter-se aos chefes (representantes genéricos da comunidade), ou a toda comunidade local, representados por valores culturais, normas, atitudes e sentimentos da instituição. Muitas vezes passando por torturas físicas ou psicológicas, tudo em nome do funcionamento daquela estrutura, cujo indivíduo possui um papel a cumprir dentro dessa estrutura .

Em alguns ritos de elevação de status, a liminaridade desses indivíduos está relacionada a humilhações, rebaixamentos ou situações que colocam o sujeito como sendo amorfo. Tendo como explicação a necessidade que o sujeito deve sentir como é estar a baixo ou não apto aquela posição na comunidade, por tal razão muitos desses aspectos são relacionados a própria “estrutura” (regras de conduta) da comunidade.

Em suma o ritual tem como finalidade salientar de maneira decisiva as definições da comunidade.

O "status" de um indivíduo é mudado irreversivelmente mas o "status" coletivo de seus súditos permanece imutável. As provações nos rituais de elevação de "status" são aspectos de *nossa* própria sociedade, conforme atestam os trotes nos calouros - e as iniciações nas academias militares. (TURNER, 1974 p.207)

Para mais adiante compreender a questão em DaMatta (1997,2000) sobre liminaridade e individualidade, faz-se necessário compreender o que é comunidade, isso segundo o Turner citando Buber a comunidade é um conjunto de pessoas que vivem umas com as outras, para as outras, onde todos se influenciam.

Buber (1961) usa o termo "comunidade" para designar "communitas": "A comunidade consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado (e, acrescente-se, acima e abaixo), mas umas *com* as outras. E esta multidão, embora se movimente na direção de um objetivo, experimenta no entanto por toda parte uma virada para os outros, o enfrentamento dinâmico com os outros, uma fluência do *Eu* para o *Tu*. A comunidade existe onde a comunidade acontece. (Ibidem, 1974,p.154)

A comunidade sem o todo, sem o indivíduo, não é nada, este faz parte da engrenagem e do motor que faz a comunidade funcionar, acontecer. Essa dialética onde o indivíduo é parte e ao mesmo tempo o todo que faz a sociedade acontecer, é a lei do social. Quando se fala em comunidade ou ritos de passagem ambos trabalham pra manter essa estrutura da comunidade.

Desse ponto onde a comunidade é também uma ferramenta dialética, e ferramenta da dicotomia também do indivíduo, onde ambas existem por si só, mas dependentes do conjunto social, entra o questionamento de DaMatta (1997,2000). Qual seja, compreender em quais situações a noção de indivíduo sobressaia, principalmente na sociedade ocidental, vista como individualista.

Nesse sentido, DaMatta (1997) em sua obra *Carnavais, Malandros e Heróis* levanta alguns questionamentos com relação as teorias sobre os rituais. Sugere que estes são responsáveis por promover a identidade social e construir sua estrutura. Portanto, acabam sendo a porta de entrada para a essência da comunidade.

Por meio do rito é possível situar cada um na sua posição dentro da estrutura social. Em sociedades complexas individualistas e modernas o ritual pode servir para representar

todas as estruturas da coletividade. Assim na nossa sociedade eles servem com o fim de criar o momento coletivo, diminuindo o micro dentro do macro. Durante esse momento é o rito quem expressa às totalidades ou como aponta DaMatta: O rito, assim, entre outras coisas, pode marcar aquele instante privilegiado em que buscamos transformar o particular no universal, o regional no nacional, o individual no coletivo (...).(DAMATTA, 1997 p.31)

O rito serve como ferramenta que transforma o que seria natural em social, e através da dramatização existente no rito que os indivíduos passam a enxergar o sentido da ação, como sendo ações propriamente ditas sociais. Assim nos diz o autor, as sociedades utilizam essa dramatização dos ritos para se apropriar de características que lhes serão atribuídas a identificação e a singularidade daquela comunidade. O ritual inventa a realidade social, a ideologia cumpre três papéis, tornar cultural uma coisa “natural”, tornar-se o próprio processo do ritual, reforçar a individualidade do grupo, essa última é a que mais fundamenta a consciência de grupo.

Nas palavras do autor:

O social é, pois, uma espécie de miolo entre o estímulo e a resposta, entre a natureza e o grupo, entre o grupo e a pessoa. É um plano onde a consciência se pode realizar, já que “tomar consciência” é, fundamentalmente, focar a atenção sobre um elemento, deixando de lado os outros. Quando ocorre essa tomada de consciência, um elemento ganha em qualidade podendo tornar-se veículos de toda uma elaboração grupal. Mas o social não se reduz somente ao plano da consciência, é também o plano da liberdade, das escolhas, do futuro e da esperança. Porque é nesse miolo entre a determinação (...) natural e o interesse do grupo que o social realiza e pode, desse modo, promover e alimentar aquilo que chamamos de “cultura”, estilo ou forma social. (DAMATTA, 1997, p.35)

Segundo o autor, no Brasil pouco se usa o termo ritual. Aqui quando não há certa formalidade ou divisões explícitas o evento é referido como uma festividade. E quando há formalidades o evento é designado de solenidades. No caso a ser tratado nesse trabalho acredito que a forma ritualística que é abordada se aproxima mais o uso de ritual como festa.

Na perspectiva de DaMatta, os rituais marcam claramente o funcionamento do grupo. É a ferramenta de adequação dos indivíduos como parte de um todo e ao mesmo tempo ferramenta de identificação. Ao ritual está intrínseco partes importantes da estrutura social que age como ferramenta de adequação, assim segundo o autor (1997) ele está associado não só ao momento “extraordinário” mas está em todo o cotidiano de quem participa dessa comunidade.

Os elementos sociais são transformados em símbolos que permitem em certos momentos criar o extraordinário. Essa é a magia do ritual, o que o qualifica como tal:

Nesse sentido, o estudo dos rituais não seria um modo de procurar as essências de um momento especial e qualitativamente diferente, mas uma maneira de estudar como os elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário. Como todo discurso simbólico, o ritual destaca certos aspectos da realidade. Um de seus elementos básicos é tornar certos aspectos do mundo social mais presentes do que outros. (Ibidem, 1997 p.76)

Ainda segundo o autor, o meio do ritual é uma manipulação dos elementos e relações desse mundo, assim os rituais seriam modos de salientar os aspectos do mundo diário, o ritual como um aspecto das relações sociais, é o meio pelo qual existem as mudanças de posições sociais. Segundo DaMatta (1997) citando Turner a matéria-prima do mundo ritual é a mesma da vida diária, o ritual é um instrumento que permite maior clareza às mensagens sociais.

Além disso, no ritual há a passagem do indivíduo para o estatuto de pessoa e sua inserção no grupo social.¹⁰ A noção de pessoa é caracterizada por um “mascaramento do seu eu” e assim pode se transformar no ser social. Essa “mascara” são os elementos transformados em algo significativo para incorporar no indivíduo na sociedade (normalmente feito por meio de rituais). O ritual se desenrola no ato de transformar o natural em social, por meio de uma relação essencial, marcada ideologicamente. Em algumas circunstâncias sociais essa máscara é uma identidade tão arraigada aos costumes que não se pode simplesmente deixá-la de lado, ou abandonar, não é necessariamente o caso aqui estudado.

Portanto, o ritual produz liminaridade. Em ritos de instituição-passagem é uma prática recorrente primeiramente individualizar o sujeito rejeitá-lo como tal e depois o reagrupar já alinhado aos moldes sociais a totalidade.

Segundo DaMatta (2000) para compreender um pouco mais de liminaridade é necessário recorrer aos estudos de Van Gennep. Este autor percebe o rito como expressão da

¹⁰ Para compreender melhor a noção de indivíduo vou ressaltar resumidamente duas vertentes citadas por DaMatta que acredito ajudar a compreender o questionamento sobre indivíduo e individualidade, na sociedade ocidental a noção de indivíduo se sobressai, igualdade e liberdade, onde a sociedade deve estar a serviço do indivíduo, sendo seu oposto uma injustiça. Numa outra vertente o indivíduo é a elaboração do social, onde aqui o que se caracteriza é a complementaridade de cada indivíduo para formar um todo, o oposto é o indivíduo contido e imerso na sociedade. Nessa vertente a noção de pessoa corresponde a entidade que remete ao todo elemento básico pelo qual se cristaliza o universo social.

dinâmica social e classifica três fases nos ritos ditos de passagem, sendo elas: separação, incorporação e a fase liminar.

DaMatta (1997) conta que Turner interpretava a teoria dos ritos de passagem por duas vias de interpretação, a primeira de que eles eram maneiras obrigatórias de adaptação; a segunda muda a direção do individual para o coletivo, os ritos seriam dramatização dos valores e conflitos sociais. Para DaMatta (2000) a liminaridade corresponde ao estado ambíguo do coletivo e individual, dentro e fora do mundo. Assim como para ele com seu objeto de estudo o carnaval, aqui no nosso caso o terceiro tempo potencializa rituais onde ganhadores e perdedores se liguem entre si como grupos e entidades especiais, que se permitem um conhecimento novo e diferenciado da sociedade e de si próprio.

Para Turner e para os outros mestres dessa verdadeira “antropologia da ambiguidade”, a lista sugere, entre outras coisas, um estado de “regressão” coletiva no qual os indivíduos perdem sua consciência de compartimentalização, autonomia e interioridade, para se transformarem em matéria-prima a ser moldada de acordo com certos valores sociais, coletivização, marcada pelo contato, um “nós essencial”.

No entanto segundo DaMatta (1997) em algumas situações a produção da liminaridade pode gerar um “lugar” onde essas pessoas classificadas podem experimentar a individualidade, por suas escolhas, ou movidas pela competição. Nesse sentido, a liminaridade promoveria uma experiência com um “eu essencial” e não com um “nós essencial”. Nesse ponto podemos notar a questão de DaMatta, individualidade na liminaridade.

O ponto central de DaMatta (2000) é o de que a liminaridade em si proporciona a individualidade quando o indivíduo é “isolado” do grupo em que participa. Como este é um estado transitório do sujeito e não uma condição da natureza humana. É possível promover o reencontro do indivíduo com a sociedade onde a interdependência é reestabelecida.

Esse estado, transitório segundo o autor é que possibilita a criação da consciência de interdependência, complementaridade e a sua função para que o todo exista. Em outras palavras é o rito que proporciona o “entendimento” da dialética do sujeito e da sociedade, que ambos dependem um do outro para a sua existência.

2.3 RITUAL DE INSTITUIÇÃO EM BOURDIEU

Em Bourdieu (2008) os rituais tinham a função social, de dar significação social, ou seja, de tornar licita a transgressão, a passagem. Nessa situação o autor questiona se os ritos de passagem não existam apenas para separar, os sujeitos como afirmam alguns autores, mas sim, instituir uma diferença duradoura entre eles.

É justamente neste ponto que o mesmo questiona a nomenclatura que se dá a essa ação social, que não englobaria de fato o que ritual significa, incorpora em si (no ato), dando início a teoria de que tais rituais seriam da instituição de algum “sistema” social, ferramenta que torna licita a transgressão dos limites que constroem a ordem social, como nos diz Bourdieu:

Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário*, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço (...). (BOURDIEU, 2008, P.98)

A transgressão da linha é o que segundo Bourdieu faz com que as pessoas se atentem para a questão da passagem, pois é isso que chama a atenção do observador, no entanto está intrínseca a importância da ação, do rito em si. “O principal efeito do rito é o que passa quase sempre completamente despercebido” (Bourdieu,2008, p.98).

O ritual existe para a consagração e instituição da diferença, a fim de integrar de forma “natural” as oposições sociais. Isso, segundo o autor, ocorre por meio da naturalização do social (comparações sociais com a natureza). É importante enfatizar que para Bourdieu, o ritual de instituição é a consagração da diferença, uma ferramenta de segregação da ordem social. A segregar uma ordem social, o ritual santifica, paradoxalmente, a ordem estabelecida ou um estado social do sujeito. E isso acontece não só por aquele que está sendo consagrado pela ação, mas para todos os demais envolvidos.

Essa consagração só se torna possível mediante a eficácia simbólica que os ritos de instituição possuem, ou seja, a capacidade de atuar sobre o real ao influenciar sobre a

representação do real. Essa eficácia simbólica tem o efeito de transformar a representação que os demais e a própria pessoa tem de si, obrigando a pessoa em “consagração” a proceder segundo determinados comportamentos que lhe seriam cabíveis para manter a representação e eficácia durante e pós o rito.

A eficácia da instituição está relacionada à magia do ato que cria ou reafirma as diferenças já existentes, é uma ação com fundamento em si mesma, em outras palavras a magia do social produz o transitório a partir do contínuo.

Sendo assim Bourdieu explica que esses comportamentos compreendem na instituição de uma identidade gloriosa ou infame:

A instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou um estigma ("você não passa de um..."), é a imposição de um nome, isto é, de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É *fazer ver* a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. Neste caso, o indicativo é um imperativo. A moral da honra constitui uma forma apurada da fórmula que consiste em dizer "é um homem". Instituir, dar uma definição social, uma identidade, é também impor limites, e a expressão "*noblesse oblige*" poderia traduzir o *ta heautoupratein* de Platão, fazer o que é de sua essência fazer e não qualquer outra coisa enfim, no caso de um nobre, isto implica não sair da linha, manter sua posição. (Ibidem, 2008, P.100)

O ato de institucionalização são atributos sociais que formam a essência “daquele” social e são produzidos, reproduzidos e designados através da categorização do ato. Essa categorização é o que torna o ato de instituição um ato de comunicação, o porta-voz fica responsável por falar em nome da coletividade. Essa é sua competência. Ele é quem impõe uma nova identidade ao indivíduo publicamente, pois tem a autoridade de dizer o que ele é e o que deve ser.

Tanto na situação de infâmia, quanto na de glória, Bourdieu nos diz que é possível notar como um todo influencia para o “novo” destino do indivíduo no ato institucional, pois é por meio da atribuição social que a pessoa “recebe” tudo que inclui a definição social que lhe cabe, assim este indivíduo é instituído e sente-se notificado a agir segundo seu novo papel, título ou função.

Os ritos institucionais e sua eficácia simbólica se tornam “tão naturais” e verdadeiros para seus indivíduos que seus destinos positivos ou negativos podem ser letais, no sentido de que aprisionam e delimitam o indivíduo e os demais a agirem de tal forma dentro daquele ambiente.

Por precisar manter os indivíduos cada qual na sua linha é necessária à naturalização da instituição, por meio de disposições para sentir, pensar e agir. Bourdieu segundo Durkheim afirma que em todos os ritos e também aqueles onde há humilhação e ou sofrimento, existem elementos que distinguem os indivíduos e contribuem para a segregação que aquele rito representa.

Essa naturalização é a criação de signos que delimitam as ações dos indivíduos como um apelo em que coloca cada qual em seu lugar e sua função dentro da instituição. Signos que são passados e reafirmados por meio das ações, não somente durante o rito, mas em qualquer outra situação em que a “instituição estiver presente”, auxiliando na construção da identidade, criando e reafirmando o sentimento de pertencimento e enquadramento do indivíduo a instituição.

Em outras palavras, o autor afirma que a verdadeira eficácia dos ritos de instituição é a arte de fazer crer que os indivíduos possuem um papel a cumprir, seja o melhor ou o pior, para o “pleno” funcionamento daquele grupo, pois ele é em si mesmo parte dele, mesmo que para isso o indivíduo tenha que diminuir, afastar a sua individualidade.

Para finalizar o capítulo gostaria de apontar que os vários pontos levantados pelos autores apresentados se complementam na compreensão das relações sociais. No qual por meio das práticas existentes nas tradições e nos rituais, cuja sua intenção e consequência é a mútua identificação entre indivíduo e grupo, visto que durante tais situações ele perde parte de sua particularidade para se inserir naquele meio, criando o vínculo e conseqüentemente a unificação da instituição social.

Com tudo isso acredito que tanto as tradições como os rituais, independente do nome que lhe seja atribuído, contribuem para a criação da identidade social do sujeito, de acordo com determinada comunidade social. Ambas são ferramentas fundamentais para que se haja uma coesão do grupo, em outras palavras, para a construção da identidade daquele grupo, favorecendo a sociabilidade entre os indivíduos, pois o indivíduo como sujeito dualístico além

das suas particularidades como sujeito que o tornam quem ele é, em suma sua personalidade, ele possui meios que o assemelha aos demais, e as condutas sociais tornam-lhe pertencente ao grupo, e por isso tradições e rituais podem ser considerados ferramenta de complementaridade e interdependência entre indivíduo e sociedade.

3. SOCIABILIDADE: Interação Social no ambiente da Festa

Nesse capítulo trataremos sobre interação social e sociabilidade. Nesse sentido pretendemos resgatar as teorias de Simmel sobre sociabilidade e ainda compreender segundo as ideias Guilherme Leonel, Lea Pérez e Rita Amaral sobre as características da festa e sua relação com a interação e sociabilidade. Assim como no capítulo anterior sobre ritual, nesse evidenciaremos algumas leituras sobre o fenômeno festa como uma ferramenta de sociabilidade para no capítulo 3 realizar análise sobre os dados coletados no trabalho de campo.

3.1 SOCIABILIDADE

Para começar é preciso entender o que é a sociedade para Simmel (1983). Para esse autor a sociedade nada mais é do que a ação social dos indivíduos que se encontram em interação. A sociedade não é algo estático, e sim algo que está sempre acontecendo, sempre em movimento por ser um processo social: nas palavras do autor *uns-com-os-outros; contra-outros; pelos outros*.

Não há propriamente sociedade feita, mas antes o *fazer-se* sociedade. Através da interação, da relação recíproca, é que constitui a *Vergesellschaftung*, que preferimos traduzir, à maneira dos simmelianos americanos, por *sociação*. (SIMMEL, 1983, p.31)

Portanto, onde há interação entre indivíduos, numa ação recíproca em influência mútua, independente de quais sejam seus impulsos se estabelece uma “sociedade” ou sociação como nos ensina Simmel (1983) Portanto, a sociedade é formada pela interação social dos indivíduos. Logo ela não é composta somente por indivíduos isolados e estáticos, mas sim pela ação que eles juntos desempenham na busca de um objetivo comum.

Pois a sociedade acontece primeiramente no plano mental. Nesse sentido é o fato de não ser uma coisa concreta, fixa, realmente palpável que permite que mesmo com o passar dos anos uma mesma sociedade se mantenha (mesmo que esta ainda não possua em si todas as características iniciais). Nas palavras do autor,

Pois bem, a sociedade só é possível como uma resultante das ações e reações dos indivíduos entre si, isto é, por suas interações. São processos psíquicos, intermentais, cujo suporte, como sujeitos da ação, são os indivíduos, as suas consciências, a totalidade da sua vida psíquica. (Ibidem, 1983, p.20)

Com isso podemos pensar na sociedade como distinta de seus elementos individuais, ou seja, mesmo a interação entre os indivíduos sendo necessária para sua constituição não é a única ferramenta de sua existência, assim como os indivíduos não se mantêm apenas por ela. Assim a sociedade cria e emprega métodos em que a vida dos indivíduos permaneça intacta enquanto a do grupo se desfaz, ou o seu oposto. Esse fato contribuiu para que a sociedade tivesse autonomia, independente de seus membros, obedecendo as suas próprias leis, estabelecidas com aspecto impessoal.

Logo a sociedade é algo que domina o indivíduo e não depende dele particularmente para existir. A sua autonomia permite a ela ter vida própria. Para compreender a importância de se entender o conceito de sociabilidade com relação a sociedade é importante salientar que para Simmel sociedade é:

Por sociedade não entendo apenas o conjunto complexo dos indivíduos e dos grupos unidos numa mesma comunidade política. Vejo uma sociedade em toda a parte onde os homens se encontram em reciprocidade de ação e constituem uma unidade permanente ou passageira. (Ibidem, 1983, p.48)

E o que a sociabilidade tem a ver com a sociedade? Segundo este autor, a sociabilidade é a ferramenta que produz a interação e a identificação logo a unificação dos indivíduos. Segundo Simmel (2006), sociabilidade é a maneira pela qual se mesclam diversos

conteúdos com o intuito de promover a criação de laços sociais entre um grupo social ou análogo a sociedade, mesmo que sejam conflitantes.¹¹

Ainda, segundo esse autor a sociabilidade é um jogo, visto que as formas de interação e sociação podem ser consideradas formas lúdicas de interação. Desta forma o autor coloca que este é um jogo no qual se faz de conta que somos todos iguais, mas, no entanto somos reverenciados particularmente, fazendo da sociação um jogo não somente jogado entre homens, mas também em sociedade. Assim sociabilidade é um jogo de produção de vínculos sociais: jogo social que se baseia em interesses racionais-utilitários, mas também em interesses emocional-afetivos.

Para Simmel (1983) a sociabilidade só é possível, pois anterior a ela existe a interação social baseada na ação recíproca dos indivíduos que torna possível a criação da unidade entre aqueles que interagem. A interação social é à base dos processos sociais, e são as formas de interação e seus conteúdos (interesses, motivações individuais) que estabelecem os fenômenos sociais, é o agir no outro, e são as motivações que impulsionam a ação individual. No entanto elas em si não possuem uma natureza social, só se tornam sociais quando passam a operar na interação.

Nunca é demais reforçar que a sociabilidade como ferramenta da sociedade existe onde existam indivíduos em interação, esta ação recíproca se reproduz para infinitos propósitos, sugerindo que os indivíduos se relacionem uns com os outros, em favor deles, em

¹¹ O conflito também é ferramenta de criação de vínculos e unificação, pois como forma de sociação é capaz de produzir e modificar interesses, esse processo social é uma das maneiras de organizar mudanças. Conforme aponta Simmel (1983) para a melhor compreensão desta maneira de interação seria necessário entender qual o sentido da palavra unidade. Para ele existem duas formas de compreensão: consenso e a concordância entre os sujeitos; a segunda forma seria a síntese total do grupo, sendo assim seria a totalidade do grupo, a coesão é a força que sustenta as relações, visto que as relações são formadas por varias forças de coesão. A sociedade para se configurar precisa de alguns pares de oposição, como harmonia e desarmonia, associação e competição. Logo é uma ferramenta dualista, uma maneira pela qual é possível se chegar a uma unidade mesmo que para isso seja necessário eliminar a parte conflitante, sendo assim, o que dá sentido a ação do conflito são os sentimentos criados pelo indivíduo. O conflito é ferramenta indispensável para manutenção da coesão do grupo, sendo a competição a forma indireta de conflito, esta não depende do outro para alcançar resultados, apenas de si mesmo. Realização das formas de conflito segundo Simmel (1983) é atingir o resultado esperado, ou seja, o que dá sentido a esse conflito é buscar conquistar o que se almeja, não necessariamente ver acabado seu oponente, a conquista é o sucesso da realização de valores exteriores a ele. De acordo com o autor conflito existe a partir do ponto em que dois ou mais grupos ou indivíduos brigam por um mesmo objeto de desejo. Segundo Simmel (1983) a competição em sociedade e seus objetivos são sempre a favor de uns ou dos outros indivíduos. Os indivíduos que participam do processo tentam estreitar laços com interesse, qualquer coisa que o conecte a ele. A competição moderna é descrita como a luta de todos contra todos, mas ao mesmo tempo é a luta de todos para todos, ou seja, seria um tecido de elos e pensamentos semelhantes, que buscam em suma ganhar favor e conexão.

conjunto, ou contra eles, ou seja, para influencia-los ou serem influenciados por eles. O que faz a sociedade, portanto são as diversas formas de interação existentes. Somente quando elementos que configuram esta sociedade passam a ter influencia uns sobre os outros é que a ela adquire sua “forma”.

Nas palavras do autor:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. Associação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses. (Ibidem, 1983, p.60)

Em outras palavras, para Simmel (1983, 2006) a própria sociedade em geral é constituída nas diferentes formas de interação entre indivíduos, ou seja, pelo princípio de reciprocidade produzido nas ações entre indivíduos. Conforme aponta o autor a reciprocidade mantém as interações, visto que é anterior a ela. Desta maneira a interação social é orientada e sustentada pela reciprocidade.

Como já dito a interação social pode ser compreendida como um impulso ou função de certos propósitos, mas claramente falando como: instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, defesa e ataque, ou seja, são todas as categorias presentes no individuo que possam engendrar ou mediatizar os efeitos de uns sobre os outros, vários são os motivos que levam os indivíduos a se relacionarem, resultando numa unidade com base em algum ou mais princípios, visto que a unidade significa a coesão dos elementos. São os usos, costumes e interesses, dentro da interação que possibilitam esse sentimento de unidade.

Os modos de interação entre os indivíduos, são o meio pelo qual os conteúdos se concretizam como realidade social. Surgindo uma relação de autonomia na qual as “formas” passam a ter vida própria. Isto é, a unidade formada pela interação, a sociedade, pressupõe a união entre forma e conteúdo. Os indivíduos entram em interação a fim de satisfazerem seus interesses e esta interação se dá por meio das diferentes formas de sociabilidade, ou seja, formas que são independentes de conteúdos específicos.

Portanto, a interação, sendo regida pelos conteúdos individuais, é uma relação entre individualidades na troca. Entretanto, na interação, não é possível conhecer completamente a

individualidade do outro, decorrendo uma generalização do outro, na qual os indivíduos são percebidos uns pelos outros por meio de estereótipos, tomados pelos grupos sociais aos quais pertencem. De um modo ou de outro, a generalização da individualidade não dá conta de sua totalidade. Isto ocorre porque na leitura de Simmel (1983, 2006) o indivíduo se apresenta como dual: ele é composto por uma parte social, um conteúdo que é socialmente relevante na interação, e também uma parte não social, que não é acionada na interação, mas que compõe a sua individualidade.

Estar, ao mesmo tempo, dentro e fora da sociedade é uma prerrogativa do indivíduo que garante o funcionamento e a existência da vida social. Pois segundo a comparação de Simmel (2006) das ondas do mar com a dinâmica da vida a sociedade precisa do indivíduo para se formar e ao mesmo tempo é independente desse indivíduo, em contrapartida o indivíduo é dependente da interação não única como instituição maior, mas necessita do outro na sociação, assim como em suma exista uma interdependência “livre” entre indivíduo e sociedade, visto que um não está preso, fixo ao outro, mas sim interligado, um é consequência do outro. É nesse sentido que o autor realça a dualidade da relação entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo deve viver como parte de uma coletividade da qual, retira seus próprios valores e contribuições. Por outro lado a vida do indivíduo é uma via indireta para os propósitos do todo que acaba se auto refletindo no próprio indivíduo.

Em se tratando dessa relação de dualidade, o autor indica que a diferenciação, portanto, é um impulso “natural” dos indivíduos. É também uma característica que se liga à estrutura dos grupos. Neste sentido, quanto menor for o círculo social no qual o indivíduo se encontra menor o espaço para sua individualidade. Ou seja, os sujeitos em grupos maiores são mais diferenciados do que aqueles que se encontram como membros de grupos pequenos. A unidade, por sua vez é o sentimento formado pela interação dos indivíduos, devido a interesses e razões, que juntos em uma ação recíproca buscam objetivos. A unidade vai tomando sua forma quando há a coesão dos elementos, e essa coesão existe por meio de um esforço mútuo dos indivíduos, onde se influencia e é influenciado pelo todo.

Como mencionado anteriormente à individualidade de cada pessoa vai se “dissolvendo” diante da interação naquele grupo, essa uniformização sugerida pela participação no grupo ajuda a identificação daquelas pessoas como uma unidade, grupo social, ou mesmo uma sociedade para qualquer situação. Pois na comunidade tudo se apoia

nas personalidades do grupo, no entanto tais características não devem ser enfatizadas no nível individual, pois todos os interesses que determinam a forma social impedem que os sujeitos se apresentem singularmente, quando isso não ocorre cabe ao grupo reprimir a pessoalidade na personalidade do grupo. Isto ocorre a fim de melhor se adequar a eles, sobressaindo o papel que ele representa dentro deste. Assim quanto mais impessoal for o sujeito mais fácil sua adaptação e a perpetuação da personalidade do grupo. É como se tudo fosse um faz de contas, faz de conta que somos iguais, perdendo a individualidade, faz de conta que somos todos especialmente honrados, criando o sentimento de unidade. Simmel (1983, 2006) ainda acrescenta que o indivíduo quando se opõe a particularidade do grupo expondo sua individualidade sobre os demais mostram algo de novo, único, já elucidada a diferença, no entanto o assunto levanta outra questão o da semelhança (mimetismo), que está ligada a ideia de massa. As massas são um conjunto de indivíduos que partilham dos mesmos princípios e regras, elas são consideradas inferiores aos indivíduos quando comparadas, visto que segundo Simmel (1983, 2006) a massa não permite a representação da individualidade dos sujeitos, porém permite que apresente as características que combinem com as dos demais, quer dizer, a massa está relacionada ao mimetismo.

Para finalizar é importante enfatizar que quando tratamos de interação social existe uma série de formas de vê-la em ação, convivências, unificação, ações recíprocas entre indivíduos, a dominação e subordinação, autoridade e liberdade. A divisão social do trabalho é um contrato estabelecido entre superior e subordinado, sendo um dos pontos que possui grande influencia sobre os grupos sociais, suas regras dão a impressão de impessoalidade na relação entre ambos, a coesão social nestes grupos é mantida por funções determinadas que causem uma espécie de interdependência dos membros dos grupos, firmando um vínculo entre os indivíduos. Portanto a sociabilidade se dá por formas e padrões sociais estabelecidos a todos os participantes, o costume assegura que os membros do grupo tenham um comportamento adequado ao do grupo. O comportamento deles deve ser “idêntico” (no sentido de que os indivíduos vão ter sempre intrínseco a essência do seu eu), pois é essa centralização que irá garantir ao grupo o sentimento de unidade para enfrentar qualquer situação. Essas formas sociais são moldadas no ceio das próprias relações sociais, desta forma, sociabilidade para ele significa a qualidade formada pela estrutura das interações sociais, as quais são pertinentes à fluidez produzida pelo modo como se realiza a conversação.

Enfim, o estudo sobre sociabilidade Simmel (1983,2006) aponta que ela entre outras situações é a interação na sua forma lúdica, quando pensada como instrumento de distração do cotidiano, isto é, a sociabilidade vem a ser o espaço onde a interação deixa a formalidade de lado e entra no jogo, da brincadeira, da conversa. Assim sendo a festa se pensada como fenômeno de interação social, bem como jogos, entre outras coisas, podem ser considerados um espaço de sociabilidade, pois estão no patamar das formas lúdicas de interação, devido a sua dinâmica.

3.2 INTERAÇÃO SOCIAL E FESTA

É plausível pensar que a festa cria um ambiente propício para a socialização. Pois é uma forma lúdica, produzida por um contexto de regras, hierarquias e mesmo por conflitos, que tem por um dos seus objetivos à construção de vínculos sociais. A festa como forma de sociabilidade, como celebração e estetização da vida, esta ligada a formas específicas de ser com/e para com o outro. Nesse sentido, podemos pensar que a festa é um espaço onde as pessoas atentem para estarem juntas em constante relação com o outro.

Desta forma a formação dos vínculos sociais por meio da festa proporciona que a sociedade entre em uma relação consigo mesma, diferente da desempenhada em sua rotina, pois quando esta rompe sua rotina, é capaz de produzir o próprio cotidiano e ao mesmo tempo o inédito, por meio da produção do vínculo social, gerador da vida em sociedade:

[...] A recriação e a reinvenção, presentes dentro da sociabilidade festiva são mais que simples reprodução ou inversão de sentidos. São, também, possibilidades de produção do inédito e de novas formas de se estar em sociedade. (LEONEL, 2010, p.8)

A festa como ferramenta de um jogo lúdico da sociabilidade possui aspectos rituais e de divertimento, esses aspectos existem com a função de expressar esteticamente a representação dos elementos da vida em sociedade.

Como indica Leonel (2010), a sociedade exerce uma influencia na festa, no qual o sentimento de exaltação e de efervescência coletiva é evidente, pois a interação social é mais visível e ativa. O relacionar-se é a questão fundamental que baseia a sociedade e sua sociabilidade. A sociabilidade cumpre um papel importante na formação social dos grupos, pois estão repletas de conteúdos diversos, multifacetados, como conflitos e diversidades, é essa variedade de conteúdos que possibilita o comportamento individual e coletivo.

Para Léa Perez (2002), a festa constitui uma série de formas de sociação, sociabilidade e interação social. Logo a festa apresenta algumas características como o espetáculo, a música, a teatralidade e sensualidade. O lúdico de suas práticas estimula a interação e participação dos indivíduos, no estar junto. Como consequência dessa interação a festa reúne uma diversidade de sentimentos coletivos, indo de um oposto ao outro, como a angústia e alegria, prazer e dor, regozijo e violência, sagrado e profano, ordem e desordem, porém são esses sentimentos que geram e produzem o vínculo social.

Ainda segundo Lea Perez (2002) por ser uma forma lúdica de sociação que mescla uma grande variedade de sentimentos em pares de oposição a festa pode ser considerada uma desordem, quando se refere às transgressões que ocorrem durante seu andamento. No entanto a ordem está presente neste contexto, pois a festa é feita por um conjunto de regras que a tornam possível de ser executada, desta forma é preciso compreender que mesmo as práticas de desordem são essenciais na formação do jogo social.

Amaral (1998) abordando o fenômeno festa, a identifica com dois significados principais: 1) o de negar simbolicamente a sociedade na forma como se encontra; 2) o de reafirmar os laços que a mantêm em sua forma. Assim a festa é pensada como um processo de mediação universal entre os diversos pares de oposição presentes na sociedade e claro como foi apresentado no ambiente festivo, visto que ele é a representação do ambiente social.

Ainda segundo a autora a festa, mesmo que laica, possui em seu caráter um aspecto religioso, pois, tem em si o propósito de unir os indivíduos, movimentando o povo num estado de efervescência, o que aproxima ao estado religioso, salientando que em ambos os casos percebe-se manifestações similares, como cantos, músicas, gritos, danças, os excessos no geral. No entanto ela aponta uma diferença entre a festa e a cerimonia ritual, seja de qualquer aspecto, a festa sugere o simples divertimento, não obtendo um objeto sério, se

tratando das cerimônias rituais, estas sempre mostram uma finalidade, assim segundo a autora a diferença entre elas está na desigual proporção que esses dois elementos estão combinados.

Amaral (1998) se aproxima de Perez (2000) quando aponta algumas características das festas. Em sua perspectiva a festa tem por objetivo ultrapassar as barreiras entre os indivíduos (estabelecimento de vínculos); a elaboração de um estado de excitação coletiva (identificação); e a quebra das normas coletivas. Assim com base nessa análise, é possível compreender que a festa proporciona ao coletivo uma grande "efervescência" dos participantes, ressaltando que esta excitação tem o poder de mudar os rumos da atividade.

Amaral (1998) na apresentação de algumas características sobre a festa coloca que a interação do grupo em reuniões festivas e em outras situações, transforma o aspecto singular do indivíduo, desaparecendo no ceio do grupo enquanto passa a ser controlado pelo conjunto.¹² Durante a interação se reafirmam alguns laços e regras sociais que possibilitam a vida em sociedade: "(...) Ou seja, o grupo revigora periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais." (AMARAL, 1998, p. 15).

Essa autora ainda relembra que para Rousseau a festa é uma dramatização social real. É neste ambiente que se realiza uma intensa participação e fusão de consciências individuais. Sendo que na festa se encontraria a verdadeira "vontade geral". Assim pode se compreender a festa como ferramenta de mediação, por meio dela é possível estabelecer uma relação entre os indivíduos favorecendo a comunicação entre diferentes grupos, e criando modelos de sociabilidade.

A festa adquire a significação ao ser o meio pelo qual se compartilha sentimentos, opiniões, ferramenta de estreitamento de laços, por meio de regras culturais, sob a condição de participar de um sistema, a festa. São questões de percepção inconsciente, expresso por meio de mitos utilizados para garantir a festa, elementos como a música, a alimentação etc.

¹²Segundo a autora para Durkheim era necessário que se produzissem as festas e mesmo as cerimônias para que os laços sociais estabelecidos anteriormente não se desfizessem, pois segundo ele a consciência coletiva se não reavivada tende a perder suas forças. Com isto para a autora a quantidade de festas realizadas pelo grupo é a maneira pela qual o grupo tem de resistir a um rompimento social, pois a festa é uma forte ferramenta na criação de laços sociais.

assim como sua repetição em diferentes regiões e povos nos induzem a pensar que, os fenômenos visíveis são produtos de leis gerais, ainda que culturais.

Enfim, tomando como base a leitura desses autores, acredito que a festa deva ser definida como um paradoxo social, que apresenta uma diversidade de oposições e as reorganiza de modo a facilitar a interação entre os indivíduos mesmo que com suas particularidades. Partindo deste ponto as festas constituem um evento transcendente, um mundo ideal, sem tempo nem espaço, onde a imaginação tudo pode engendrar, transformar, refazer. Por tais motivos pode ser considerada uma ferramenta da sociabilidade, por proporcionar que os indivíduos se identifiquem em certo grau com os demais, produzindo a união daquele grupo, mesmo que momentaneamente. Uma das formas que a sociedade encontra para criar a unidade e empregar conceitos e costumes aos indivíduos que favoreçam tal unificação social, proporcionando a existência do mimetismo entre os participantes da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foram analisadas através das teorias sobre o ritual e a festa, como ferramentas da sociabilidade, possibilitam a interação social e a identificação social Terceiro tempo do rúgbi.

Foi possível compreender que essas práticas são essenciais para a construção do vínculo social com base em valores que visam o interesse comum: o de sentir-se pertencente à comunidade em que se encontra e também na criação da identidade do rugbier, (nas palavras dos nativos, a família rúgbi).

Na realização desse trabalho a observação participante foi o método escolhido para desvendar o terceiro tempo. Foram observados ao total de 15 eventos, entre terceiros tempos de amistosos e campeonatos de rúgbi, o que forneceu o embasamento pra construir um “tipo ideal” que apontasse as questões apresentadas. Para conseguir compreender esse ambiente e tudo que ocorre foram utilizadas a revisão bibliográfica para ter o embasamento teórico sobre as conclusões.

As tradições têm importância na construção da identidade social, fundamentada em valores e práticas do grupo, que impõe normas para se legitimar. Em suma, buscam satisfazer seu sentimento de pertencimento, mantendo a unificação daquele grupo, Eric Hobsbawm (1997) apresenta dados que me auxiliaram a levantar essa conclusão com relação à própria tradição do terceiro tempo, que não se encontra em outros esportes: todos os participantes do(s) jogo(s) confraternizando entre si, bem como de quem é responsabilidade da execução do evento, e dos rituais presentes. Todas essas tradições auxiliam na construção da identidade dessa comunidade, identidade rugbier, formando a família rúgbi.

Um dos meios eficazes para impor tais valores e práticas tradicionais como já citado é o ritual. Por meio dele o individuo passa de um estado para o outro, o de não pertencente ao de pertencer aquele grupo, o que possibilita um estado de igualdade entre os indivíduos. Assim os rituais permitem que a unidade seja pensada como homogênea, logo, uma unidade mais harmoniosa, para tal o individuo se adapta aquele ambiente, segundo os valores do grupo, que são reforçados por meio desses mesmos rituais, promovendo a satisfação, e reafirmando a identidade da comunidade.

Da Matta (1997/2000) aponta que os rituais são uma personificação das tendências do grupo, meio gerador do vínculo social, da sensação de unidade, causando sentimento de identificação e pertencimento. Sendo esse sentimento quem guiam o indivíduo a agir segundo certos padrões. Padrões que são assimilados durante a execução do rito. Como por exemplo no fato dos rituais proporcionarem que os indivíduos mostrem sua resistência a dor, tão importante no momento do jogo, bem como no respeito ao seu superior, e ao trabalho de equipe, assim como do rugbier bebedor de cerveja, esses são alguns dos exemplos de valores passados nos rituais que formam a identidade desse grupo.

Em muitas circunstâncias os rituais estão relacionados com a posição de inferioridade, esta no sentido do indivíduo ainda não pertencer aquela comunidade, por vezes essa inferioridade é relacionada a humilhações e rebaixamento do indivíduo, sendo muitos desses aspectos relacionados a estrutura daquela sociedade (valores).

Nesse sentido a liminaridade produzida no ato do rito representa: o estar na linha do pertencer e não pertencer aquilo, estado ambíguo. Um exemplo é a própria participação do indivíduo ao terceiro tempo, visto que enquanto ele não passa pelos rituais presentes no esporte não se encontra inserido na comunidade, visto que ainda não tem assimilado em sua conduta os valores dessa comunidade.

É o ritual que enfatiza os valores da comunidade, promovendo a identidade social. “Naturalizando” ações sociais por meio da dramatização, associando características que serão atribuídas à identificação social, fundamentando a consciência do grupo. Em outras palavras, cumpre dois papéis o de ferramenta de adequação social, ao mesmo tempo de identificação. Podemos citar dois dos exemplos que ilustram essa situação, nas execuções das músicas “isto é o rúgbi”, “yellow submarine”. Onde valores como: o trabalho em equipe, e o desempenho do papel de cada um naquele grupo, auxiliam na assimilação de todas essas responsabilidades, que geram o pertencer aquele meio.

Segundo Bourdieu (1998) os rituais tinham a função social de instituir um “sistema” social, naturalizando as oposições sociais existentes. O ritual faz isso por meio da eficácia da consagração do indivíduo, que é assimilada não só por ele, mas por todos os demais envolvidos. Essa eficácia transforma a representação social desse indivíduo, obrigando-o a agir segundo certos padrões, que são fundamentais para manter a eficácia durante e pós rito.

Como por exemplo o fato de beber muita cerveja, e participar de desafios que demonstrem o quanto você consegue beber, e o mais rápido possível e ainda continuar executando suas funções.

Em certa medida Bourdieu (1998) reafirma o que Da Matta (1997/2000) diz, quando se refere que os ritos sociais são ferramentas de adequação e identificação social que apresentam de forma “naturalizada” as características daquele grupo. Essa dramatização segundo Bourdieu (1998) é um ato de comunicação, cujo porta-voz fica responsável em tomar a frente e falar pelo todo, e atribuir ao individuo seu novo papel naquele meio. Ou seja, o porta voz produz a eficácia do ritual que possibilita o sentimento de pertencimento, e o enquadramento do individuo ao todo, colaborando para que todos os indivíduos atuem segundo a identidade social do grupo, não apenas no ritual, mas sempre que a “comunidade estiver presente”. Quando se trata de rúgbi é o capitão do time que fica responsável por manter essa eficácia dos rituais, visto que dentro e fora de campo é ele o porta voz da equipe, é ele quem fornece a direção da ação a se seguir, e promove o elo de ligação entre os grupos durante a confraternização.

Assim acredito que esses autores auxiliaram na compreensão de como essas práticas tornam o individuo pertencente ao grupo, contribuindo para a construção do vinculo por meio da identidade social, tornando o individuo semelhante aos demais, o que facilita a coesão da comunidade dos praticantes de rúgbi.

A sociedade é gerada a partir da ação social dos indivíduos em interação, logo onde haja interação entre os indivíduos, na busca por interesse comum, em ação recíproca cuja influencia é mútua se estabelece uma sociedade, ou sociação nas palavras de Simmel (1983/2006). Ou seja, a sociedade depende dessa interação que leva a ação conjunta dos indivíduos, orientada e sustentada pela reciprocidade, no qual se influenciam na busca de seus objetivos, levando os indivíduos a agirem em favor um dos outros, em conjunto, ou contra os outros.

É a busca por seus interesses que levam os indivíduos a se relacionarem uns com os outros, resultando na unidade, está última significa coesão dos elementos. Como já visto são às tradições, valores, e praticas que criam esse sentimento de unidade entre os indivíduos. Podemos pensar que a sociedade assim como o indivíduo são interdependentes, no sentido de

que uma não precisa do outro para sua existência, pois não se está preso, fixo ao outro, quando na verdade ambos precisam um do outro para garantir sua “sobrevivência”, visto que um é consequência do outro.

As contribuições de Simmel (1983/2006) sobre a sociedade contribuem para compreender a sociabilidade, que para ele significa a qualidade formada pela estrutura das interações sociais. Tais contribuições auxiliam na compreensão do funcionamento e na dinâmica da confraternização, bem como seu fundamento. Assim a sociabilidade é ferramenta de produção da interação e de identificação, logo da unificação dos indivíduos. Por meio dela é possível promover a criação de laços sociais dentro do grupo.

A sociabilidade aqui estudada é uma forma lúdica de interação social, visto que é baseada na dinâmica da própria interação, num jogo onde se faz de conta que somos todos iguais, no entanto somos reverenciados particularmente. Assim sociabilidade é um jogo de produção de vínculos sociais, que se baseia em interesses diversos, levando a uma ação recíproca onde se busca atingir seu objetivo “respeitando” o interesse do outro, no caso do todo, e é essa reciprocidade que torna possível criar a unidade entre esses indivíduos. Como exemplo dessa reciprocidade a própria tradição do time da casa oferecer e preparar o terceiro tempo, visto que os times de fora já teriam que organizar a viagem e administrar os gastos da mesma, assim forma-se uma rede circular, onde independente do grupo é respeitada a tradição do time da casa ser responsável pela confraternização, para que o esporte não somente ganhe forças culturais, mas a própria mantenha a sua existência.

Logo a interação social é à base dos processos sociais, resultado da busca de suas motivações individuais, no entanto tais motivações só se tornam de natureza social na ação da interação. Em outras palavras a sociabilidade é tudo que possa causar efeitos uns sobre os outros, no sentido de se satisfazer assim como satisfazemos o outro.

O terceiro tempo é uma confraternização social de um grupo particular, os jogadores de rúgbi e seus simpatizantes. Desta forma apresenta características de uma festividade, como alimentação, bebida, música, participação ativa dos indivíduos na confraternização, gerando uma efervescência dos ânimos dos indivíduos, isso tudo contribui para a interação entre os participantes, visto que nela as pessoas estão em constante relação com o outro.

Assim o terceiro tempo pode ser considerado uma festa, ambiente de descontração, visto que é uma forma lúdica de interação social. Como vimos à festa adquire a significação ao ser o meio pelo qual se compartilha sentimentos, opiniões, sob a condição do indivíduo participar de um sistema, a festa, logo para a sua eficácia, como geradora de vínculos sociais segundo valores próprios do grupo é necessário que toda a coletividade participe ativamente da confraternização, visto que ela é utilizada para agregar forças e laços sociais. Desta forma a festa que não possui muita participação é considerada uma festa ruim, pois em suma um dos seus principais objetivos não foi cumprido, o da produção de interação social geradora de vínculos. Como exemplo, um terceiro tempo onde o capitão do time da casa não possua voz ativa com o todo, sendo incapaz de construir e manter a eficácia dos rituais, logo da própria confraternização.

Enfim, o Terceiro tempo no rúgbi pode ser pensado como uma festa, logo meio de produção de interação social e sociabilidade, visto que proporciona que os indivíduos se identifiquem uns com os outros, proporcionando a união do sistema social, por meio do mimetismo empregado através dos rituais e das praticas tradicionais, que transmitem os valores daquele grupo e o consolidam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa.** Rev. Mediações, Londrina, v.3, n.1, p.13-22, jan./jun. 1998

BOURDIEU, Pierre. LINGUAGEM E PODER SIMBOLICO. In: **A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer.** São Paulo. Editora Universidade de São Paulo – USP, 2008 2ª ed.1998 1ª reimpressão P.81-126

CANNADINE, David; Contexto, execução e significado ritual: a monarquia britânica e a “invenção da Tradição” c.1820 a 1977 in: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.) **A invenção das tradições.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 1997 6ª edição. P.111-174

DAMATTA, Roberto. Introdução. In: **Carnavais Malandros e Heróis: Para uma sociologia do Dilema Brasileiro.** Rio de Janeiro Editora Rocco Ltda., 1997 P.15- 46; P.47-52; P.71-80; P.95-101; P. 218-225; P.226-231]

_____. **Individualidade e liminaridade:** Considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. MANA v.6, n.1, p.7-29, 2000

HOBBSAWM, Eric; A invenção da tradição in: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.) **A invenção das tradições.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 1997 6ª edição. Introdução p. 9-24.

_____. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914 in: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.) **A invenção das tradições.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 1997 6ª edição. Cap.7 p. 271-316

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Festa e sociabilidade:** Reflexões teóricas e praticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. Cadernos de historia, belo horizonte, v. 11, n.15, p. 35-57, 2ª sem. 2010

MORAES FILHO, E. D. et al (Org.); FERNANDES F. et al (Coord.); Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Sociologia:** São Paulo. Editora Ática, 1983 P.165-181.

PEREZ, Léa Freitas. **Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo Por uma antropologia das efervescências coletivas** [S.L.:S.n.] <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2016.

SIMMEL, Georg. O âmbito da sociologia. In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2006 P.7-38; P. 39-58; P.59-82

TURNER, Victor. Liminaridade e “comunitas”. In: **O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis. Editora Vozes, 1974 P.116-159; P.201 – 245

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS. Biblioteca Central. [Desenvolvida pelo Centro de Processamento de Dados da UNIFAL-MG]. 2002. Disponibiliza informações sobre a Biblioteca. Disponível em: <<http://www.unifal-mg.edu.br>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WEBER, Max. A estrutura lógica da formação de conceitos tipos-ideiais. In: **Metodologia das ciências sociais: Parte 2**. Campinas. Editora da Unicamp, São Paulo. Editora Cortez 2ª edição P.139 -153